

A CONTADORA



Ela trabalhava em uma grande empresa. Tinha um emprego simples, de colocar números em ordem, onde ela empregava os detalhes que aprendeu no curso noturno de contabilidade. Gostava da forma redonda que os número tinham e como ramificavam-se como vinhas sobre o papel quando ordenados. Números, como ela, gostavam de círculos. Fazia mágica ordenando-os por cores; azuis à esquerda, vermelhos à direita.

Mas era uma boa empresa e ela quase nunca precisava lidar com os vermelhos.

Ela era silenciosa na maior parte do tempo. Rosto branco como porcelana, cabelos curtos de um tom estranho de vermelho, nariz cor de rosa e sempre reluzente, como a lâmpada acesa de uma câmara de revelação de fotos. Os óculos equilibravam-se sempre na pontinha do nariz, redondos e pequenos - tal nariz, tal óculos.

"Mais muda que uma planta", diziam os colegas, e ela balançava a cabeça. Que uma planta? Santa ignorância.

Costumava se curvar sobre as planilhas e só levantava quando o estômago roncava. Ignorava a algazarra dos colegas do escritório, das risadinhas e vínculos transitórios. Às vezes observava detrás das pequenas lentes como alguns falavam mal dos outros, inventavam intrigas e também se apaixonavam. Quando se apaixonavam, riam mais. Se em segredo, riam menos.

Foi mais ou menos isso que aconteceu com a doce secretária. Ela passou a sorrir menos quando o chefe começou a ignorá-la. Viu de sua mesa, detrás das planilhas, como a moça perdeu medidas e a roupa começou a dançar sobre o corpo. Como os olhos perderam o viço e a vida. Um dia Margô se levantou no meio da planilha e se uniu à turma barulhenta, estacionada ao lado do cafezinho. Eles não eram tão barulhentos ao seu redor, eram até bem quietos. Com o mais tímido dos sorrisos, Margô

disputou com os colegas um espaço na bancada, ferveu a água e a adicionou o pozinho verde que trouxe embrulhado em um lencinho. O cheiro atraiu os curiosos:

— Parece orégano — disse um.

— Não, é estragão — falou outro.

Ela deixou que tentassem adivinhar. Não seria fácil descobrir, dentre as 390.954 espécies de plantas no mundo, quais havia misturado ali.

O chazinho amarelo, mais cheiroso que a camomila, foi oferecido à outrora sorridente secretária. Um sorriso selou a oferta, e a partir daí o amor deixou de escapar da moça como suor pelos poros. Uma plantinha mirrada, chamada Fecha-Corpo, garantiu que o amor, esse sentimento gasoso, parasse de transbordar do organismo ferido em direção ao chefe que não a queria mais. E naquele dia, antes de deixar a sala, Margô recebeu da secretária um abraço agradecido. Tinha funcionado.

Já no ônibus, a bruxinha ajeitou os óculos sobre o nariz vendo o céu tornar-se da cor da ameixa. A Grande Mãe tossia raios e ameaçava o mundo com trovões, parecendo cansada. Sentadinha na janela, Margô se perguntou em que pedaço desse globo azul feminino Ela não tossia e espirrava, e quando as pessoas notariam que Ela estava com febre. Breve, ela torcia.

Margô se levantou e deu sinal. Atravessou gentilmente o mar de gente segurando a bolsinha simples e foi cuspidada do coletivo

lotado na frente do velho edifício de cinco andares. Alisando o casaco de lã cheio de lhamas coloridas que enfeitavam a cintura redonda, diminuiu o passo. Gostava de ser pega pela chuva. Só sentiu pena que o edifício chegou antes que ela caísse.

Margô cumprimentou o porteiro. Velhinho, o senhor pousou a mão sobre a dela quando ela parou para perguntar sobre a sua dor nas pernas.

— Ah, D. Margô, a dor tá forte demais. É esse corpo que tá ficando velho...

— Tenho um unguento para o senhor — ela disse — Trago aqui daqui a pouco.

— Eu busco lá em cima, se preocupa não.

— Imagina, Seu Isaías. O Sr. sabe que eu sempre trago.

Ele sabia. Tinha sido assim pelos últimos vinte anos.

Margô subiu as escadas de madeira e parou a frente do 301. Ouviu, enquanto procurava as chaves na bolsa, o rapaz do 302 se mexer atrás da porta. Ele a olhava pelo olho mágico. Assim que a chave dela se encaixou na fechadura, a porta dele se abriu.

— Ah, Dona Margô. Queria mesmo falar com a senhora.

Ela fechou a porta.

— Sim, Sr. Fernando?

— Estava de saída, olha a coincidência. Nunca nos encontramos por aqui.

Não era verdade. Ele sempre está lá, atrás da porta.

— Quer ajuda com a sacola? — ele perguntou.

Margô olhou para o bernal murcho e respondeu:

— Tá leve, precisa não.

Fernando olhou para a porta dela. Ela ajeitou o óculos sobre o nariz.

— Está com visitas? — Ele chegou mais perto. — Achei ter ouvido ruídos durante o dia.

— Será? — Ela continuou com uma mão na maçaneta.

— Não quer que eu dê uma olhadinha para assegurar que está tudo bem?

— Deve ter sido o meu gato.

— A senhora tem gatos?

— Três. São de estimação.

Como ele não arredava o pé, ela sugeriu: — Se você se sentir melhor, pode ver que não estou mentindo.

A porta abriu devagarinho. A penumbra revelou o hall bem arrumado e cinzento, de paredes lisas e peladas. Fernando entrou com ela, olhando atentamente para o estranho e barulhento apartamento da vizinha. Um gato surgiu de um dos cômodo, seguidos de dois outros. Eles se acomodaram na frente da porta, postura de esfinge e rabos delicadamente descansados ao lado do corpo.

Fernando tentou decifrar o apartamento. O que ali poderia ter esse cheiro pungente de mato? Tudo o que via era um hall, três gatos e uma senhorinha que gostava de andar olhando para baixo. Ele se desculpou e saiu de ré. Entrou no 302 e fechou a porta.

Lentamente, Margô fechou a sua porta também. Por segurança, passou a chave.

— Ok, ele já foi — ela disse para os gatos.

E o hall, tão bem construído na mente do vizinho, se desfez. Samambaias frondosas voltaram a despencar do teto, árvores robustas ressurgiram nos cantos e o mato reivindicou o chão até as canelas. Margô tirou as sapatilhas e exalou, aliviada. Estava sentindo falta da terra.

Um caminho de pedras brilhantes demarcava a trilha até a cozinha. Os três lobos, ainda deitados, observaram Margô pendurar o bernal em um tronco e o casaco sobre o arbusto espinhoso, o que restou do último pedaço da parede cinza do que um dia foi — ou nunca foi — um apartamento.

— Desculpe — disse quando passou pelos lobos. — Mais um curioso.

Desinteressados, os lobos se levantaram e desapareceram na planície. Margô tomou a trilha frondosa em direção à horta, onde a planta certa seria colhida, socada no pilão e transformada em unguento. Tadinho do seu Isaías, ela pensou sumindo em uma curva na floresta. Tadinho.